



SABER E NATUREZA NA POESIA DE SILVA ALVAREGA

Flávia Pais de Aguiar

Orientadora: Claudete Daflon dos Santos

Mestranda

RESUMO: A convergência das atuações como Professor Régio, ilustrado e poeta na poesia de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814) aparece sob contorno de dois grandes eixos: o caráter didático e a representação da natureza americana. A *Arte Poética* horaciana conduz a reflexão sobre o primeiro, atentando-se, porém, que é prudente diferenciar meros tons instrutivos, eventualmente encontráveis numa gama maior de textos, do que seriam efetivos *poemas didáticos*, conforme observa Matheus Trevisam (2014). Entende-se que há na poesia que instrui e deleita o potencial formador humano, confluyente com os ideais do projeto de civilização vigente no século XVIII. A representação da natureza como chave de leitura, por sua vez, coloca a natureza idealizada, bucólica e árcade de matriz europeia em suspensão, uma vez que novos elementos naturais são centralizados nos poemas de Silva Alvarenga. A presença de árvores, flores, frutos e animais tipicamente americanos, por exemplo, aponta para uma preocupação de o poeta inserir o seu contexto rústico no cenário civilizado através de um instrumento essencialmente *civilizado*, que é a arte escrita.

Mediante este contexto, objetiva-se realizar uma análise crítica de poemas em que se observem procedimentos poéticos do autor associados tanto com pretensões educativas e de divulgação de conhecimento quanto com o pensamento ilustrado em voga que atravessava a concepção de um processo civilizatório. Para tanto, serão utilizados poemas em que se observem o estabelecimento de exemplaridades bem como os que fazem alusão à natureza tropical ou selvagem, antítese do que se consideraria civilização, procurando compreender as ambiguidades deste poeta que é um exemplo de ilustrado americano e que, portanto, transita

entre dois mundos: o *bárbaro* e o *civilizado*, dicotomia proposta por leituras mais canônica passíveis de reflexões críticas.

PALAVRAS-CHAVE: Silva Alvarenga – Poesia – Educação – Natureza – Civilização

O caráter didático da poesia em Silva Alvarenga

A perspectiva proposta neste artigo aponta para como a convergência das atuações como Professor Régio, ilustrado e poeta na poesia de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814) aparece sob contorno de dois grandes eixos: o caráter didático e a representação da natureza americana. A Arte Poética horaciana conduz a reflexão sobre o primeiro eixo, o caráter didático.

Antes de tudo, é prudente aqui diferenciar meros tons instrutivos do que seriam efetivos poemas didáticos; para tanto, as contribuições de Matheus Trevisam (2014) podem orientar mais claramente a leitura. De maneira geral, compreende-se como obras antigas, aquelas ainda produzidas na Grécia e na Roma nos séculos antes de Cristo, podem iluminar o entendimento sobre a concepção da poesia didática.

A chamada *poesia didática antiga*, de acordo com Trevisam (2014, p. 15), dispunha de usos instrutivos, no entanto, não prescindiam de aliar-se aos valores que conferiam ao texto fruição artística; isto é, mesmo o trabalho poético dos mais valorizados e talentosos autores, quando eficazes veículos educadores ou instrutivos do público, não contrapunha as belezas da Poesia.

A exemplo disto, Trevisam cita o contexto de Homero, que por mais que tenha realizado uma poética de instrução, tendo em vista as muitas passagens relativas às táticas de combate em seus poemas épicos, sua obra corresponde diretamente ao alto grau da elaboração estética. Nas palavras do próprio autor,

O caso de Homero, para de fato introduzirmos o assunto pela via de um pioneiro, exemplifica bem o sério potencial formador humano com frequência atribuído então ao que, para nós modernos, antes são “obras literárias”, cuja valia corresponde a seu grau de elaboração artística. (TREVISAM, 2014, p. 16)

Assim sendo, percebe-se uma perspectiva de não separação entre estética e ética, ou, ainda, estética e princípios morais, utilidade mimética. Acreditava-se, na Grécia e na Roma antigas, que poetas, ou seja, artistas, pudessem ensinar, tendo em vista que possuíam saberes técnicos ou científicos. Portanto, a percepção antiga dos textos poéticos “altamente artísticos” bem como a crença no poder formador da Arte não afastaram das obras literárias funcionamentos de formação e instrução do público.

É prática de leitura corrente, no entanto, certo entendimento de uma impossibilidade de haver potencial estético atrelado a objetivos educadores. Essa herança de pensamento se deve ao fato de circularem, ainda na Antiguidade, escritos considerados de *meros tons instrutivos*. Muitos deles eram poemas¹ de intentos professorais, cujo objetivo seria oferecer para o público leitor informações de uso imediato, que auxiliassem nas necessidades do cotidiano da lida camponesa, por exemplo. Por serem considerados textos de funcionalidade informativa, a percepção da crítica partindo da elaboração técnica considera que, no conjunto do acabamento artístico, o texto seria menos complexo.

O entendimento desta distinção importa porque o poema didático, em especial o neoclássico que estabelece um diálogo direto com tradição clássica, é, por vezes, associado aos textos de tons *meramente* instrutivos, cuja elaboração poética seria considerada inferior ou despreocupada com a importância estética.

Não caberia aqui aprofundar uma crítica sobre a forma como, por vezes, as fronteiras entre o didatismo da poesia e os textos de tons instrutivos são apagadas e diluídas, (fator que confere, valorativamente, lugares ou deslugares aos poetas e suas produções). No entanto, essa discussão aponta para uma perspectiva que intenta resgatar a complexidade da poesia que “porque imita, move e deleita, e porque mostra ridículo o vício, e amável a Virtude, consegue o fim da verdadeira poesia” (ALVARENGA, 2005, p. 336).

Entende-se que há nessa poesia que instrui e deleita o potencial formador humano, confluyente com os ideais do projeto de civilização vigente no século XVIII. Projeto este adotado por Silva Alvarenga, ainda quando estudante de Coimbra no período pombalino. Durante o processo da reforma educacional conduzida por Marquês de Pombal, o poeta adere aos seus princípios e posicionamentos políticos, apresentando-se como defensor das

¹ Trevisam fala que esses textos poderiam também ser prosas. (2014, p. 19 – 20)

mudanças no âmbito da educação que favoreceriam o conhecimento científico e o progresso da nação.

Em seu poema “O Desertor”, por exemplo, assumir uma posição política aliada ao didatismo, via mimeses, implicaria a atitude pedagógica que buscava *mover* os estudantes com a finalidade não apenas de convencê-los da pertinência da reforma, mas de torná-los homens de caráter virtuoso e ilustrados comprometidos com o progresso de Portugal.

Em seu discurso sobre o poema herói-cômico, pondera que a escolha do gênero para “O Desertor” se deve ao fato de que o coração humano, regido pelas leis do seu amor-próprio, ouve com mais facilidade a censura dos vícios do que o louvor das virtudes alheias. No entanto, em outros poemas, a imitação das virtudes, “da ação na qual possam aparecer brilhantes o valor, a piedade, a prudência, o amor da Pátria, o respeito das Leis, os sentimentos da humanidade” (ALVARENGA, 2005, p. 334) entre outras, aparecem solenemente, como panegírico.

Acerca disto, Jorge Antônio Ruedas de La Serna, em *Arcádia: Tradição e Mudança* (1995), observa a importância conferida à obra de Pedro Antônio Correia Garção, considerado um “reformador da poesia portuguesa do século XVIII.” (1995: p. 11), a fim de obter melhor compreensão acerca do discurso elogioso. Segundo Ruedas de La Serna, as odes sacras de Garção remontam ao modelo tradicional do panegírico, gênero literário fortemente presente na tradição clássica medieval, e cuja produção consistia na recomendação dos santos e de suas virtudes para serem invocados na batalha cristã contra o mal. O exemplo da virtude a ser seguido, no entanto, não atravessava somente o discurso religioso.

Ainda de acordo com o crítico, desde a época do Império Romano o louvor ao soberano adquirira preeminência política e constituía um gênero do discurso panegírico. Costumava-se nos tempos antigos louvar os homens excelentes, porque os elogiando justa e publicamente suas boas obras seriam exemplos tanto para os presentes quanto para os que viessem, a fim de que também realizassem semelhantes boas obras (RUEDAS DE LA SERNA, 1995, p. 16).

No contexto da poesia portuguesa, o sentimento de gratidão e exaltação do monarca engrandecia e elevava, também, a pátria, dentro de um pensamento de que o governante mais do que representar, simbolizava a nação. Dessa maneira, se “De gratidão, de amor e de ternura. / Tal é, Rainha Augusta, a Vossa Imagem.” (ALVARENGA, 2005; p. 122), assim

será também a imagem da pátria portuguesa. Não caberia apenas conhecer as leis da retórica. Era preciso “estabelecer um sistema de bom gosto por meio de uma prudente crítica.” (RUEDAS DE LA SERNA, 1995, p.17)

Não obstante, tanto a exposição dos vícios quanto a exaltação das virtudes podem também aparecer atrelados em versos do mesmo poema; afinal, “qual destas imitações consegue mais depressa o seu fim, é difícil julgar.” (ALVARENGA, 2005, p. 334). Há, nesse sentido, o poema *À Mocidade Portuguesa*². Com o título que infere um discurso direto – destina a leitura aos jovens estudantes – a primeira estrofe exorta, a segunda exalta os grandes feitos dos heróis, a terceira imita a Natureza (em que consiste toda a força da poesia) e a última elogia as virtudes, em tom esperançoso, conforme é possível observar:

A fastosa indolência,
Tarda preguiça, e mole ociosidade,
Tiveste por ciência,
Infeliz lusitana mocidade;
Viste passar, caindo de erro em erro,
Bárbaros dias, séculos de ferro. (vv. 1 – 6)

Na exposição dos vícios com a ajuda da memória histórica há exortação; o (des)caminho do erro, da preguiça, da indolência, instrui e aponta para o caminho da virtude.

Parece não tocada
A areia, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos sábios, dos antigos Portugueses,
Que em prêmio das fadigas alcançaram
Os verdes louros de que a frente ornaram. (vv. 7 – 12)

Não obstante, a imitação das virtudes aparece sob vias do elogio das figuras heroicas dos sábios portugueses, que, através de suas virtudes, obtiveram grandiosas conquistas.

Longe dos seus altares
Jaz a deusa – que horror! – posta em desprezo.
Cobre de sombra os ares
Deus do trovão; um raio d’ira aceso
Vingue a filha do céu. Os mundos tremem,
O sol desmaia, os ventos e os mares gemem. (vv. 13 – 18)

² MORATO, Fernando. In: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 59 – 62.

A imitação da natureza destaca a atenção do poeta com a estética neoclássica e encaminha a Poesia dentro de uma concepção de Arte que deleita e que instrui.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança portuguesa;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo da grandeza;
Ide, correi, voai, que por vós chama
O rei, a pátria, o mundo, a glória, a fama. (vv. 79 – 84)

Nessa estrofe, não há quem duvide do ideal formador do poeta. Sobre isso, Carlos Versiani, em sua tese de doutorado *O movimento arcádico no Brasil Setecentista: significado político e cultural da Arcádia Ultramarina* (2015), afirma que Silva Alvarenga coloca-se “totalmente adepto da filosofia poética de Horácio, Boileau e Cândido Lusitano, sobre a finalidade didática e pedagógica da poesia” e diz “não ser necessário recorrer aos grandes autores para justificar o poema, ‘quando não há quem duvide que ele, porque imita, move, e deleita: e porque mostra ridículo o vício, e amável a Virtude, consegue o fim da verdadeira poesia’”, (2015, p.60), em conformidade com a famosa citação de Horácio.

As demais estrofes que entremeiam o poema fazem um percurso histórico que ora servem como estabelecimento de exemplaridade, ora se aliam aos conhecimentos seculares e mitológicos confluentes à estética neoclássica, justificando uma postura preocupada com o padrão poético árcade, ora exaltam o poder do Clero e do Estado. Assim, a atuação docente de Silva Alvarenga joga luz à questão da formação de jovens, por meio do reconhecimento dos poemas de extração didática de um poeta lustrado que foi também professor-régio bem como à atuação artística do autor.

A representação da natureza americana na poesia de Silva Alvarenga

A representação da natureza como chave de leitura coloca a natureza idealizada, bucólica e árcade de matriz europeia em suspensão, uma vez que novos elementos naturais são centralizados na obra de Silva Alvarenga. Há em seus poemas, em especial nos rondós de *Glaura*, a presença de árvores, flores, frutos e animais tipicamente americanos. A escolha desses elementos como recurso poético aponta para uma preocupação de o poeta inserir o seu

contexto considerado *rústico* no cenário *civilizado* através de um instrumento essencialmente civilizatório, que é a arte escrita.

Também não caberia aqui problematizar a complexa concepção sobre a polarização *bárbaro x selvagem*. Este campo semântico, quando posto em contraste com padrões pautados em valores eurocêntricos, coloca o poeta americano no cerne de um conflito.

Silva Alvarenga, nascido em solo americano, mestiço e filho de músico, filia toda sua formação intelectual aos padrões europeus, pois frequentara estudos de Matemática e de Direito Canônico em Coimbra. No entanto, questões de pertencimento geográfico e, portanto, de identidade, são caras ao poeta; sua filiação, por nascimento, é ao ambiente designado como antítese à própria ideia de civilização.

Estaria assinalado, assim, seu *entrelugar*: o de civilizado (via formação cultural) e de inculco (via nascimento e pertencimento natural). Essa ambiguidade aparece expressa, em especial, no poema *O Cajueiro*³, em que o poeta apontaria para uma consciência acerca de sua condição inata de barbárie, quando pensada em antítese à civilidade europeia. Como alegoria de si mesmo, o poeta canta a desgraça que se acometeu à árvore por ter nascido em solo desamparado. A leitura do poema aponta para tais noções:

Cajueiro desgraçado
A que fado te entregaste
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor! (vv. 1–4)

Esses versos, entoados no coro do rondó, fazem uma referência ao problema que se atribui à ausência de instrução cultural e política em solo americano, tendo em vista que o cajueiro é um elemento natural da terra brasileira e que nesta não chegavam as mesmas oportunidades de modernização como chegavam em Portugal.

O que existe expresso nos versos poderia ser compreendido como denúncia ao atraso e ao abandono relegados à colônia; a solução viria da industrialização, da modernidade e do avanço, mas também da ação política:

³ MORATO, Fernando. Introdução. In: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas: poemas líricos*, Glaura, O desertor. São Paulo: Martins Fontes, 2005: pp. 133 – 135.

Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente Agricultor.” (vv. 21–24).

Nos últimos versos, o poeta anuncia desesperança para o problema brasileiro, ao versar uma desconstrução total da beleza e da utilidade da terra americana, que por mais copada e florente que fosse não havia a sorte, faltava-lhe o intento favor. De que serviriam, portanto, seus frutos e fertilidade!?

Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nome engenho
Que não vale o nome empenho,
Se lhe falta o seu favor. (vv. 45 – 48)

Carlos Versiani (2015) destaca, ainda, que as publicações de Silva Alvarenga trazem a marca do poeta que pode ser considerado um teórico da literatura, por utilizar-se, como Garção, da metapoesia para expressar suas ideias e teorias sobre o “bom gosto” arcádico. O caráter crítico da ação do poeta, filiado às ideias da Arcádia Ultramarina, rompia com valores estéticos fincados, mas não perdia em nada na sua qualidade produtiva:

“(…) introduzir o pensamento poético de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, o mais crítico de todos os árcades ultramarinos. Sérgio Buarque de Holanda já nos recordava que o brasileiro não se furtou, em algumas passagens da sua poesia a essa discussão, se mostrando mais adepto ‘da livre inspiração, em detrimento do infrutífero labor artesanal’, como no seguinte trecho da sua Epístola a Termindo Sipílio: ‘Se a minha musa estéril não vem, sendo chamada, / de balde é trabalhar, pois não virá forçada’(v.81)”. (VERSIANI, 2015, p. 53)

É possível perceber, dessa forma, certo tom melancólico presente no poema, especialmente pela constante referência ao problema que se atribui à ausência de um investimento cultural na colônia portuguesa. Como foi apontado anteriormente, Silva Alvarenga acreditava e apostava nos ideais civilizatórios amparados nos estudos e difusão do conhecimento.

A falta de medidas políticas e o patente atraso econômico da colônia em relação à metrópole, denunciados sutilmente neste poema, no entanto, encaminha a reflexão sobre o



complexo lugar do intelectual americano, em especial deste poeta ilustrado – professor régio e homem público.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras Poéticas: poemas líricos, Glaura, O Deserto*. Introdução, organização e fixação de texto Fernando Morato. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANJOS, Carlos M. Versiani dos. *O movimento arcádico no Brasil setecentista: significado político e cultural da arcádia ultramarina*. Belo Horizonte: 2015.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge Antônio. *Arcádia: Mudança e Tradição*. São Paulo: EdUSP, 1995.

TREVISAM, Matheus. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2014.